

O Encanto da Lua Nova

ALONSO ALVAREZ

O Encanto da Lua Nova

2ª edição



© de *Alonso Alvarez*

Projeto gráfico: *Alonso Alvarez*

Revisão: *Silvana Seffrin*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Agradecimentos:

José Mindlin, Marcos Rey, José Paulo Paes, Alice Ruiz, Manoel de Barros, Fanny Abramovich, Miguel Sanches Neto, Ísis Valéria, Maria da Graça Segolin e Christiane Tricerri.

As situações e os personagens desta obra são ficcionais. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, sem permissão do detentor do copyright.

Obra selecionada pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) para participar do catálogo e da *43rd Bologna Children's Book Fair 2006*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

O encanto da Lua Nova / Alonso Alvarez. — 2ª ed. —
São Paulo: Ficções Editora, 2009.

ISBN: 978-85-62226-03-8

1. Ficção brasileira I. Título.

09-02832

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93

2009

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br | editora@ficcoes.com.br

www.encantodaluanova.net.br

Para
Isadora e Rafael

Sumário

11

O Encanto da Lua Nova

127

Breve apresentação dos personagens principais
aproveitada de uma conversa entre
o síndico e o novo zelador

139

Notas

143

O autor

O Encanto da Lua Nova

1

— Que história absurda, Turista! Você tá inventando tudo. Eu te conheço...

— Verdade, Band-Aid. Aconteceu do jeitinho que eu estou contando... Quer dizer, em algumas partes eu exagerei um pouco...

— O que, por exemplo?

— Que aquela aranhona subiu na minha perna...

— Não subiu? — protestou Ri. — Foi a parte que eu mais gostei!

— Não! Claro que não! Ou alguém já viu algum bicho subir numa perna toda mijada?

— Você se mijou?! — perguntou Treze.

— E quando me mijo de medo, mijo fedido demais! A aranhona saiu rapidinho de perto!

Todos riram.

— Mas aí a coisa melhorou — continuou Turista.
— A aranhona saiu correndo e eu só fiquei olhando. Ela passou por duas pernas e se escondeu atrás delas, assim como o Lupicínio faz, de vez em quando; ficou só com a carinha pra fora, olhando pra mim, assustada...

— Au, au! — protestou Lupicínio.

— Aí eu levantei os olhos do chão, bem devagarinho... Primeiro vi aquelas pernas lindas... Lindas, lindas! Assim, iguais às da mãe do Treze...

— Não põe a minha mãe no meio — protestou Treze.

— Eram lindas! Lindas! Aí depois eu vi os joelhos, depois as coxas... Isso mesmo! As pernas não acabavam nunca e eu fui subindo com o olhar, sem piscar. Não dava pra piscar... Continuei subindo, olhando devagarinho, até que eu vi aquilo, bem no meio das pernas...

— Aquilo?! — exclamaram todos. — Você viu?

— Isso mesmo! Aquilo! Bem no meio das pernas dela... Toda peluda... Eu nunca tinha visto uma igual!

— Tá! E por acaso você já viu alguma? — gozou Contra.

— De longe, sim! Pelo binóculo já vi várias nos outros prédios. Até a da mãe do Treze já vi, quando ela anda pelada pelo apartamento...

— É melhor parar de colocar a minha mãe no meio — insistiu Treze.

— Aí eu continuei subindo com os olhos, devagari-

nho... De vez em quando eu voltava pra ver aquilo, mas fui subindo até chegar nos peitos dela...

— Seios! — corrigiu Band-Aid.

— Isso mesmo! Dois seios lindos! Lindos! Nem grandes nem pequenos, mas lindos, com as pontas bem vermelhinhas...

— Mamilos! — corrigiu Band-Aid.

— É! Com eles bem vermelhinhos!... Então continuei subindo com os olhos, mas sempre voltando pra ver aquilo e os seios dela. Aí cheguei no rosto dela, nos olhos dela: negros, um pouco escondidos entre o cabelo grande e solto, me olhando, sem piscar...

— E aí? — perguntou Treze.

— Aí ela sorriu pra mim... Ficou me olhando e sorrindo.

— E a aranhona? — quis saber Band-Aid.

— Subiu na mulher, até chegar no ombro dela. Ela puxou o cabelo pro lado e a aranhona ficou ali, olhando pra mim. A mulher deu um beijo no bicho e disse: “Beatriz, não se assuste. É só um menino.” E que voz ela tinha! Que voz!

— Eu, hein! — comentou Contra. — Beijar uma aranha!

— Au, au! — concordou Lupicínio.

— Aí ela apontou uma poltrona — continuou Turista. — Pediu pra eu sentar. Com aquela voz, eu atendi na hora. A luz era pouca, então ela sentou-se numa outra

poltrona, entre duas tochas, que se acenderam de repente, do nada, iluminando-a inteirinha, com as pernas cruzadas... Ela ficou assim, me olhando, o tempo todo, com aqueles olhos negros... Ameacei me levantar. Ela pediu que não. Aí ela perguntou o meu nome. Respondi. Ela disse o dela, sorrindo: “Annabel”.

— Depois, o que aconteceu? — perguntou Band-Aid.

— Ela ficou me olhando, sorrindo, me deixando sem jeito. Ficou um tempão assim. Aí ela disse que ia fazer uma mágica. Levantou a mão, abriu e fechou bem devagar...

— Continua — pediu Ri.

— Agora não dá! Preciso ir ao banheiro. Tô apertado! Turista levantou-se e saiu da sala.

— Aposto que ele pediu um tempo pra inventar o resto da história — comentou Band-Aid.

— Pois eu acho que não — discordou Contra. — Até agora ele não se perdeu em nenhum detalhe.

— Se for verdade mesmo, eu também quero conhecer essa mulher — falou Ri.

— Como? — rebateu Band-Aid. — 11.º andar só existe na imaginação do Turista. Neste prédio o elevador salta do 10.º pro 12.º, nem adianta ficar apertando o botão 11... Aposto que ele sonhou de novo...

— Tem sim! Eu estive lá! O 11.º andar existe! Eu vi! — gritou Turista, voltando do banheiro, fechando o zíper da calça.

— Se você molhou todo o banheiro, vai ter, Turista! — replicou Band-Aid. — Pensa que eu não sei que você gosta de mijar se afastando do vaso pra ver a força do jato?

— Nem vem! Todo mundo aqui sabe que eu sou imbatível no mijo a distância. Derrubo até lata de óleo vazia!

— Continua com o sonho — pediu Treze.

— Não foi sonho! Se fosse um sonho vocês acham que ia ser tão legal assim? O que me aconteceu, aconteceu mesmo, de verdade! Eu estava acordado, e muito bem acordado, com os olhos bem abertos... Foi assim: entrei no elevador pra apertar todos os botões e apertei o 11...

— Mas você morre de medo de elevador — lembrou Ri.

— Escuta!... Dá pra escutar?... Saí pra ir ao apartamento do Treze, então vi a porta do elevador aberta. Pensei que era alguém chegando com compras e fui fuçar... Sempre dá pra pegar um chocolate, um biscoito... Sabem como é que é?! Nessa de ajudar a tirar os pacotes dá tempo pra enfiar alguma coisa no bolso... Mas não tinha ninguém! Aí deu aquela coceirinha no dedo, incontrolável...

— Sei! — desdenhou Band-Aid.

— Fazer o quê? Sofro dessa doença, não posso ver botão de elevador...

— Tá! Continua, Turista — pediu Contra.

— Então... Aí aproveitei a oportunidade pra apertar todos os botões! Foi quando apertei o 11. Só que não deu

tempo pra sair. A porta se fechou, de repente, e o elevador só foi parar lá...

— No 11.º andar?! — perguntou Treze.

— Lá mesmo! Então, pensei, faz tanto tempo que eu não ando de elevador que poderiam ter construído o 11.º andar e não tinham me avisado. Que só dava pra chegar de elevador, pois ainda não tinham reformado a escadaria do prédio...

— Mas é uma besta! — cortou Band-Aid. — Eu não acredito no que estou ouvindo!...

— O que você queria que eu pensasse? Eu estava lá, num andar que não existia...

— Continua, Turista — pediu Treze.

— Onde eu estava?

— No andar que não existe... — lembrou Contra.

— Aí... Saí meio desconfiado. Olhei o corredor e só vi uma porta...

— Só uma?! — espantou-se Ri.

— Só uma! Muito larga e alta, de madeira grossa, rangendo, cheia de teias de aranha, no fim do corredor...

— Rangendo? Teias de aranha? — assustou-se Treze.

— Tá bom! Exagerei um pouco! Não tava rangendo nem tinha teias de...

— Para de inventar, Turista! — gritou Band-Aid.

— E você foi lá e bateu na porta? — adivinhou Ri.

— Claro! Já que eu estava lá, não custava nada. Mas

nem precisei bater! Quando cheguei perto da porta, ela se abriu sozinha...

— Sozinha! — espantou-se Contra.

— É! E aí, já que abriu, eu entrei... Foi quando dei de cara com a aranhona...

— Isso você já contou — cortou Treze. — Continua de onde parou, na hora da mágica.

— Então... Ela tava sentada ali, na minha frente, entre duas tochas acesas, me olhando, sorrindo... Aí ela abriu e fechou a mão bem devagarinho, olhando pra mim o tempo todo e, na minha frente, sobre uma mesinha, apareceu um bolo de chocolate com um monte de cerejas em cima... Dá pra acreditar? Adoro cerejas!

— E aí? — quis saber Contra.

— E aí?... Aí, comi todo o bolo, todas as cerejas e, quando arrotei, já não estava mais lá, mas sentado nos degraus da escadaria, entre o 9.º e o 10.º.

— Quer dizer que você encontra um andar que não existe, entra num apartamento que não existe, encontra uma mulher pelada que nunca existiu, de cabelos compridos e com uma aranha no ombro, e aí devora, sozinho, um bolo de chocolate com cerejas, e depois, simplesmente, arrotar?! — indignou-se Band-Aid, passando as duas mãos na testa e desarrumando ainda mais o cabelo.

— Mas... — emendou Treze, já entusiasmado com a história. — Mas se ela é capaz de fazer aparecer um bolo

de chocolate do nada, ela é uma feiticeira, não é?

— Claro! — confirmou Turista, sem pestanejar e feliz com a nova amizade que acabara de fazer.

— Que história absurda! — comentou Band-Aid.

— Que seja! — falou Contra, fascinado com o relato de Turista. — Mas se essa história for verdadeira, se essa mulher existir mesmo, se ela for mesmo uma feiticeira, então, isso é legal demais!

— Também acho! — apoiou Treze. — E bem que ela podia resolver o nosso problema com o síndico...

— Au, au! — concordou Lupicínio, abanando o rabo.

— Boa ideia! — apoiou Turista, imediatamente. — Isso mesmo! Vamos agora mesmo pedir pra Annabel fazer um feitichinho. Quem sabe ela transforma o síndico num sapo...

— Sapo?! — cortou Treze. — Em sapo só se transforma quem é príncipe. Não conhece a história?

— Então numa lesma! — continuou Turista. — É bem o jeitão dele.

— Numa pulga! — sugeriu Ri.

— Au, au! — discordou Lupicínio, encarando Ri e mostrando os dentes.

— É mesmo, Lupicínio — falou Ri, passando a mão na cabeça do cão. — Numa pulga não dá. Já pensou aquela anta virar uma pulga e pular em você... Ele ia adorar!

— Au, au! — concordou Lupicínio.

— Isso mesmo! Essa ideia é ótima! — gostou Turista.

— Au, au! — discordou Lupicínio.

— Não! Pulga, não! — explicou Turista. — Mas em anta! Já que ele é uma anta, nada mais justo do que juntá-lo à espécie.

— Não! — protestou Band-Aid. — E você não sabe que é desumano manter uma anta num prédio? A coitada não ia caber no elevador nem conseguir subir e descer a escadaria. E logo todo mundo ia perceber...

— Ora, a gente fala que o síndico engordou um pouquinho, que ele sempre foi feio feito uma anta, só que ninguém tinha notado antes dele engordar...

— É desumano! — insistiu Band-Aid.

— Pois eu achei melhor a ideia da lesma — falou Ri.

— Pensando bem, também acho — concordou Turista. — Vou adorar jogar uma pitadinha de sal nela...

— É desumano! — repetiu Band-Aid.

— Droga, tudo é desumano! — inconformou-se Turista.

— Pois então, a gente podia pensar numa “coisa” — sugeriu Contra.

— Numa “coisa”?! — não entendeu Ri.

— Isso mesmo! — concordou Band-Aid, entendendo logo. — Assim não ofenderíamos nenhuma espécie animal.

— Em que “coisa”? — quis saber Treze.

— Qualquer coisa! — entusiasmou-se Turista, cheio

de ideias — É só usar a imaginação: um para-raio, um penico... Um penico! Isso mesmo! Seria ótimo!

— Gostei do para-raio — comentou Treze.

— Se ninguém tiver outra sugestão, vamos votar: para-raio ou penico? Vence a maioria... — propôs Contra.

— Num poste! — sugeriu Ri, em tempo.

— Au, au! — apoiou Lupicínio, imediatamente.

2

Naquela mesma tarde, trataram de encontrar o 11.º andar.

Subiram e desceram tantas vezes de elevador, do 1.º ao 15.º andar, que ninguém mais pôde utilizá-lo.

— Como não pode? — reclamou um senhor, no térreo, segurando a porta, carregando várias sacolas com compras. — A capacidade máxima é dez pessoas, e aí só tem cinco e esse vira-lata...

— Au, au! — ofendeu-se Lupicínio, mostrando os dentes.

— Tenho que subir. Moro no 14.º — teimou o senhor.

— Au, au! — insistiu Lupicínio, latindo mais alto e já avançando contra o homem, que tratou de fechar a porta rapidamente.

Nessa vez o elevador iniciou outra viagem até o 15.º